

Estresse ocupacional dos profissionais de enfermagem durante a pandemia de Covid-19 no Brasil

Occupational stress of nursing professionals during the Covid-19 pandemic in Brazil

Estrés ocupacional de los profesionales de enfermería durante la pandemia del Covid-19 en Brasil

Recebido: 19/10/2021 | Revisado: 27/10/2021 | Aceito: 16/11/2021 | Publicado: 22/11/2021

Viviane Vanessa Rodrigues da Silva Santana Lima

ORCID <https://orcid.org/0000-0001-6903-1444>
Universidade Federal de Sergipe, Brasil
E-mail: viviane.santana@eenf.ufal.br

Gabriel Soares Bádue

ORCID <https://orcid.org/0000-0002-4663-4936>
Universidade Federal de Alagoas, Brasil
E-mail: profgabrielbadue@gmail.com

Julyanne Florentino da Silva Araujo

ORCID <https://orcid.org/0000-0002-9351-0936>
Universidade Tiradentes, Brasil
E-mail: julyanne.araujo96@gmail.com

Mariana de Oliveira Moraes

ORCID <https://orcid.org/0000-0002-0992-263X>
Universidade Federal de Alagoas, Brasil
E-mail: mari_o.moraes@yahoo.com.br

Christefany Régia Braz Costa

ORCID <https://orcid.org/0000-0001-6124-8243>
Universidade de São Paulo, Brasil
E-mail: christefany.costa@usp.br

Paulo Ricardo Martins-Filho

ORCID <https://orcid.org/0000-0001-8779-0727>
Universidade Federal de Alagoas, Brasil
Universidade Federal de Sergipe, Brasil
E-mail: saqmartins@hotmail.com

Tatiana Rodrigues de Moura

ORCID <https://orcid.org/0000-0002-7442-4434>
Universidade Federal de Sergipe, Brasil
E-mail: tmoura.ufs@gmail.com

Resumo

Introdução: A pandemia de COVID-19 mudou drasticamente a rotina de trabalho dos profissionais de saúde, acarretando sobrecarga de atendimento, esgotamento físico e alterações significativas na saúde mental. **Objetivo:** Investigar o estresse ocupacional entre profissionais de enfermagem durante a pandemia de COVID-19 no Brasil. **Métodos:** Estudo transversal realizado através de um questionário online anônimo. A coleta de dados ocorreu por meio das mídias sociais Facebook, WhatsApp, Instagram e e-mail. Nós analisamos as associações entre o desfecho de interesse e as variáveis independentes através do cálculo da razão de prevalência (RP) com intervalo de confiança (IC) de 95%. O teste de Cochran-Armitage foi utilizado para se averiguar o comportamento da RP conforme as diferentes categorias para as variáveis escolaridade, renda e nível de cuidado. O nível de significância adotado foi de 5%. **Resultados:** De 2986 profissionais da enfermagem incluídos no presente estudo, 2704 (90,6%; IC 95% 89,5 – 91,6) relataram estresse ocupacional durante a pandemia de COVID-19. Um aumento na prevalência de estresse ocupacional foi observado conforme o aumento no nível de escolaridade ($p < 0.001$), renda ($p < 0.001$) e nível de cuidado ($p < 0.001$). Profissionais com mais de 20 anos de experiência profissional também relataram maiores níveis de estresse ocupacional. **Conclusão:** Nossos achados revelam uma prevalência de estresse ocupacional de aproximadamente 90%, sendo maior entre enfermeiros com maior nível de escolaridade, renda e quanto mais complexo o nível de atenção em que atua.

Palavras-chave: Estresse ocupacional; Profissionais de enfermagem; Pandemia; COVID-19.

Abstract

Introduction: The COVID-19 pandemic has drastically changed the work routine of healthcare professions leading to activities overload, physical exhaustion, and significant changes in mental health. **Objective:** To investigate the occupational stress among nursing professionals during the COVID-19 pandemic in Brazil. **Methods:** This is a cross-sectional study conducted through an anonymous online questionnaire. Data collection was performed by using social media including Facebook, WhatsApp, Instagram, and e-mail. We analyzed associations between the outcome of

interest and independent variables calculating the prevalence ratio (PR) with 95% confidence interval (CI). The Cochran-Armitage test was used to assess the PR according to the different categories for the following variables: education, income, and level of care. The significance level was set at 5%. Results: Of the 2986 nursing professionals included in the present study, 2704 (90,6%; 95% CI 89,5 – 91,6) reported occupational stress during the COVID-19 pandemic. An increase in the prevalence of occupational stress was observed with the increase in education level ($p < 0.001$), income ($p < 0.001$), and level of care ($p < 0.001$). Professionals with more than 20 years of professional experience also reported higher levels of occupational stress. Conclusion: Our findings show a prevalence of occupational stress of approximately 90%, being higher among nurses with a higher level of education, income, level of care.

Keywords: Occupational stress; Nursing professionals; Pandemic; COVID-19.

Resumen

Introducción: La pandemia de COVID-19 ha cambiado drásticamente la rutina laboral de las profesiones de la salud, lo que ha provocado una sobrecarga de actividades, agotamiento físico y cambios significativos en la salud mental. Objetivo: Investigar el estrés ocupacional entre los profesionales de enfermería durante la pandemia de COVID-19 en Brasil. Métodos: Se trata de un estudio transversal realizado a través de un cuestionario online anónimo. La recopilación de datos se realizó mediante redes sociales, incluidas Facebook, WhatsApp, Instagram y correo electrónico. Analizamos las asociaciones entre el resultado de interés y las variables independientes calculando la razón de prevalencia (RP) con el intervalo de confianza (IC) del 95%. Se utilizó la prueba de Cochran-Armitage para evaluar la RP según las diferentes categorías para las siguientes variables: educación, ingresos y nivel de atención. El nivel de significancia se fijó en 5%. Resultados: De las 2986 profesionales de enfermería incluidas en el presente estudio, 2704 (90,6%; IC 95% 89,5 - 91,6) reportaron estrés ocupacional durante la pandemia de COVID-19. Se observó un aumento en la prevalencia de estrés ocupacional con el aumento del nivel educativo ($p < 0,001$), remuneración ($p < 0,001$) y nivel de atención ($p < 0,001$). Los profesionales con más de 20 años de experiencia profesional también informaron niveles más altos de estrés ocupacional. Conclusión: Nuestros hallazgos muestran una prevalencia de estrés ocupacional de aproximadamente 90%, siendo mayor entre los enfermeros con mayor nivel de educación, ingresos, nivel de atención.

Palabras clave: Estrés ocupacional; Profesionales de enfermería; Pandemia; COVID-19.

1. Introdução

O primeiro caso de COVID-19 no Brasil foi registrado no Estado de São Paulo em 26 de fevereiro de 2020, havendo uma rápida disseminação em todo o território nacional. Entretanto, uma falha geral de implementação imediata e coordenada de políticas públicas de enfrentamento à COVID-19, bem como de respostas equitativas em um país com fortes iniquidades socioeconômicas resultaram em altas taxas de incidência e mortalidade (Niquini, et al., 2020).

A chegada da pandemia no Brasil expôs o despreparo dos serviços de saúde no enfrentamento da maior crise sanitária e hospitalar da história do país. A interiorização da doença agravou ainda mais a situação, uma vez que muitos municípios não possuem hospitais, leitos de unidade de terapia intensiva e profissionais de saúde suficientes e qualificados para o atendimento e tratamento de casos mais graves. Comparando-se as diversas regiões do país, observou-se ao longo da pandemia um grande volume de internações em áreas metropolitanas de alta densidade populacional com elevada oferta de recursos de saúde, em contraste com regiões menos densamente povoadas e mais pobres como as regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste (Pereira, et al., 2021).

Enfermeiros, técnicos de enfermagem e auxiliares de enfermagem representam a maior parcela de recursos humanos nos serviços públicos e privados direcionados à saúde das pessoas, sendo essenciais e considerados nucleares na estrutura das profissões da saúde. No mundo, segundo relatório recente da Organização Pan Americana de Saúde (OPAS) (2021), existem cerca de 27,9 milhões de profissionais de enfermagem, entre os quais 30% estão na região das Américas. Entretanto, segundo Oliveira et al. (2021) com a realidade imposta pela pandemia da COVID-19 especialmente em países de baixa e média renda, ficaram evidentes as condições precárias de trabalho as quais os trabalhadores da saúde estão expostos.

Em meio à pandemia de COVID-19, explicita-se a importância e urgência quanto às ações de valorização dos profissionais de enfermagem. Além dos problemas que já vêm sendo enfrentados por estes profissionais, como os baixos salários, as jornadas exaustivas de trabalho e as condições de estresse e sobrecarga emocional, soma-se a ausência de condições mínimas de segurança no trabalho, como a falta de equipamentos de proteção individual (EPIs) ou a má-qualidade destes. Além disso, a

escassez de treinamentos que abordem o uso correto de EPIs tem sido um outro problema levando muitos profissionais da área a serem infectados com o novo coronavírus (Ramos-Toescher, et al., 2020). Até o dia 20 de agosto de 2021, foram confirmados mais de 56 mil casos de COVID-19 em profissionais de enfermagem e 784 óbitos (BBC News Brasil, 2021).

A situação atual não exclui a discussão política em relação à enfermagem. As discussões e reivindicações antigas sobre a regulamentação da jornada de trabalho são pautas que agora tornam-se ainda mais importantes. Estão incluídas nas reivindicações uma jornada de trabalho de 30 horas semanais, o piso salarial e, além disso, um adicional de insalubridade que seria essencial neste momento (Souza e Souza, Souza, 2020).

O objetivo deste estudo foi investigar o estresse ocupacional entre profissionais de enfermagem durante a pandemia de COVID-19 no Brasil.

2. Metodologia

Desenho de estudo e amostra

Estudo quantitativo, analítico, observacional e de natureza transversal (Estrela, 2008) realizado através de um questionário online anônimo. A população do estudo foi composta por profissionais da enfermagem de todas as categorias, com idade superior a 18 anos, residentes no Brasil, que segundo o COFEN (2021) corresponde a 2.540.715 profissionais registrados. Profissionais da enfermagem que não atuaram na linha de frente no combate à pandemia foram excluídos.

Para o cálculo do tamanho da amostra, foram utilizadas as seguintes fórmulas:

$$(1) n_0 = \frac{1}{E^2}$$

$$(2) n = \frac{N * n_0}{N + n_0}$$

Onde,

n_0 = primeira aproximação do tamanho da amostra;

E = erro amostral (2%);

N = tamanho da população (2.540.715);

n = tamanho da amostra.

Desta forma, 2498 deveria ser o número mínimo de profissionais de enfermagem a serem incluídos no estudo. Das 4950 pessoas que acessaram o formulário, 577 foram excluídas por não terem assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), 1377 por não atuarem na linha de frente contra a COVID-19 e 10 indivíduos por erro de registro. Assim, a amostra final incluiu 2986 participantes.

Coleta de dados e instrumentos utilizados

A coleta de dados ocorreu entre outubro de 2020 e fevereiro de 2021 por meio de mídias sociais como o Facebook, WhatsApp, Instagram e e-mail.

Utilizou-se um questionário eletrônico elaborado pela equipe de pesquisa e construído na plataforma virtual *Google Forms* (Google Inc., CA/USA) contendo questões sociodemográficas e relacionadas à prática profissional na pandemia de COVID-19, a saber: a) sociodemográficas: gênero (homem, mulher, transgênero); idade (em anos completos); cor ou raça (preta, parda, indígena, amarela); e região brasileira na qual reside (Norte, Nordeste, Sul, Sudeste, Centro-oeste); e b) relacionadas à prática da enfermagem: categoria (enfermeiro(a), técnico(a) de enfermagem, auxiliar de enfermagem, parteira); renda (em salários mínimos); tipo de instituição que trabalha (pública, privada, filantrópica); nível de atenção (primária, secundária,

terciária); e tempo de experiência na área (em anos completos).

A coleta de dados ocorreu de quatro formas: a) convite nas redes sociais através de mensagens acrescidas do link que dava acesso ao formulário da pesquisa; b) solicitação aos Conselhos Regionais de Enfermagem (COREN) de todo o país de envio do link por e-mail para os profissionais inscritos; c) disponibilização do link da pesquisa nas redes sociais e sites dos COREN; e d) disponibilização do link em matéria no site da Universidade Federal de Alagoas.

Devido à urgência que o cenário pandêmico demanda e a necessidade de se produzir informações sobre o tema em tempo hábil para possível tomada de decisões, não foi possível realizar a validação do questionário, porém, anteriormente à coleta de dados, foi realizado um teste-piloto para verificar sua aplicabilidade e as adequações sugeridas foram acatadas. Para evitar duplicidade de respostas, foi acionada no *Google Forms* a opção de restringir a resposta ao link uma única vez por aparelho.

Desfecho de interesse e variáveis independentes

O desfecho de interesse do presente estudo foi o estresse ocupacional relatado pelos profissionais da enfermagem durante a pandemia de COVID-19, definido como um estado de desgaste do organismo humano e/ou diminuição da sua capacidade de trabalho (Prado, 2016). As variáveis independentes foram aquelas relacionadas às características sociodemográficas e à prática da enfermagem.

Análise estatística

Os dados obtidos foram exportados do *Google Forms* diretamente para uma planilha do programa Microsoft Office Excel e submetidos inicialmente à análise estatística descritiva, com medidas de frequência absoluta e relativa para a caracterização dos participantes. Na sequência, foram analisadas as associações entre o desfecho de interesse e as variáveis independentes por meio do cálculo da razão de prevalência (RP) com intervalo de confiança (IC) de 95%. O teste de Cochran-Armitage foi utilizado para se averiguar o comportamento da RP conforme as diferentes categorias para as variáveis ordinais escolaridade (ensino médio, ensino superior e pós-graduação), renda (até 3 salários-mínimos, entre 3 e 5 salários-mínimos e mais de 5 salários-mínimos) e nível de atenção (primária, secundária e terciária). O nível de significância adotado foi de 5%. As análises foram realizadas através do software R (R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria).

Considerações éticas

Esta pesquisa foi desenvolvida respeitando todas as normas vigentes do Conselho Nacional de Saúde expressas nas resoluções 466/2012 e 510/2016. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Alagoas através do parecer de número 4.171.182 e foi financiado pela própria equipe de pesquisa.

3. Resultados e Discussão

Um total de 2986 indivíduos participaram da pesquisa: 2459 (82,4%) do sexo feminino, 1607 (53,8%) autodeclarados brancos, 1378 (46,1%) com pós-graduação, e 2175 (72,9%) residentes na região Sudeste. A maioria dos participantes eram enfermeiros (n = 1671; 56,0%), recebiam até 2 salários-mínimos (n = 901; 30,2%), trabalhavam em instituições públicas (n = 1529; 51,2%), no nível de atenção primária (n = 1350; 45,2%), e com até 9 anos de experiência profissional (n = 1382; 46,3%) (Tabela 1).

Tabela 1. Características gerais dos participantes do estudo (n = 2986).

Variável	n	%
Gênero		
Homem	527	17,6
Mulher	2459	82,4
Cor ou raça		
Amarela	52	1,7
Branca	1607	53,8
Indígena	10	0,3
Parda	1014	34,0
Preta	303	10,2
Escolaridade		
Ensino médio	762	25,5
Ensino superior	846	28,3
Pós-graduação	1378	46,2
Região de residência		
Norte	92	3,1
Sul	245	8,2
Centro-Oeste	207	6,9
Sudeste	2175	72,6
Nordeste	267	8,9
Tempo de experiência na área (anos)		
de a 0 a 19	2444	81,9
20 ou mais	542	18,1
Categoria profissional		
Parteiro(a)	3	0,1
Técnico(a)	707	23,7
Auxiliar	605	20,2
Enfermeiro(a)	1671	56,0
Renda		
Até 3 salários-mínimos	1766	59,1
Entre 3 e 5 salários-mínimos	736	24,7
Mais de 5 salários-mínimos	484	16,2
Instituição de trabalho		
Privada ou filantrópica	1457	48,8
Pública	1529	51,2
Nível de atenção		
Primária	1350	45,2
Secundária	774	25,9
Terciária	862	28,9

Fonte: Autores.

Um total de 2704 (90,6%; IC 95% 89,5 – 91,6) profissionais da enfermagem relataram estresse ocupacional durante a pandemia de COVID-19. De acordo com pesquisa realizada pela FIOCRUZ em todo o Brasil, a pandemia de COVID-19 alterou a vida de 95% dos trabalhadores da saúde de modo muito significativo. Os dados revelaram que quase 50% dos profissionais

admitiram excesso de trabalho ao longo da pandemia, com jornadas de trabalho que ultrapassaram mais de 40 horas semanais, e cerca de 45% dos entrevistados relataram que necessitavam de mais de um emprego para sustentar a família (Fiocruz, 2021).

A enfermagem atua desde a promoção à saúde até a linha de frente hospitalar, passando pela supervisão e gestão de equipes e instituições. Todavia, com a realidade imposta pela pandemia do SARS-CoV-2, no mesmo momento em que a importância do papel da enfermagem ficou em evidência na mídia, as situações de adoecimento e risco de vida decorrentes da COVID-19 revelou para o grande público as condições precárias de trabalho que aumentam de forma significativa os níveis de estresse ocupacional (Oliveira, et al., 2021).

Além disso, o subdimensionamento das equipes e a escassez de insumos vieram como elementos significativos no aumento das cargas de trabalho dos enfermeiros (Santos, et al., 2021). Essa situação, somada aos ambientes com más condições de trabalho, jornadas extensas e baixa remuneração, tem provocado desgaste físico e mental, estresse ocupacional e conflitos com a equipe multiprofissional, além de instigarem um sentimento de desvalorização por parte desses profissionais (Backes, et al., 2021).

No presente estudo, um aumento na prevalência de estresse ocupacional foi observado conforme o aumento no nível de escolaridade ($p < 0.001$), renda ($p < 0.001$) e nível de atenção ($p < 0.001$) (Tabela 2). Enfermeiros com mais de 20 anos de experiência profissional também relataram maiores níveis de estresse ocupacional (Tabela 2), o que pode estar relacionado à necessidade de ocupação de cargos de liderança ou funções técnicas mais complexas nas equipes de saúde de enfrentamento à COVID-19. Os profissionais da saúde tornaram-se mais vulneráveis aos efeitos psicossociais da pandemia de COVID-19, principalmente aqueles que atuam na assistência direta, o que se convencionou chamar de linha de frente (Dal’Bosco, et al., 2020). Dentre eles, ressalta-se que a profissão de enfermagem requer um tempo maior de permanência ao lado dos pacientes, sendo a única categoria profissional que está na beira do leito prestando cuidados 24 horas por dia (Barbosa, et al., 2020).

Tabela 2. Razões de prevalência para o estresse ocupacional durante a pandemia de COVID-19 de acordo com as características sociodemográficas e atuação de profissionais da enfermagem no Brasil.

Variáveis	Total	Sim		RP (IC 95%)
		n	%	
Gênero				
Homem	527	470	89,2	-
Mulher	2459	2234	90,8	1,02 (0,99 – 1,05)
Cor ou raça				
Amarela	52	45	86,5	-
Branca	1607	1455	90,5	1,05 (0,94 – 1,17)
Indígena	10	9	90,0	1,04 (0,82 – 1,31)
Parda	1014	923	91,0	1,05 (0,94 – 1,17)
Preta	303	272	89,8	1,04 (0,93 – 1,16)
Escolaridade				
Ensino médio	762	655	86,0	-
Ensino superior	846	767	90,7	1,05 (1,02 – 1,09)
Pós-graduação	1378	1282	93,0	1,08 (1,05 – 1,12)
Região de residência				
Norte	92	68	73,9	-
Sul	245	214	87,3	1,18 (1,04 – 1,35)
Centro-oeste	207	184	88,9	1,20 (1,06 – 1,37)
Sudeste	2175	1984	91,2	1,23 (1,09 – 1,39)
Nordeste	267	254	95,1	1,29 (1,14 – 1,46)
Tempo de experiência na área (anos)				
de 0 a 19	2444	2198	89,9	-
20 ou mais	542	506	93,4	1,04 (1,01 – 1,07)
Categoria profissional*				
Técnico(a)	707	619	87,6	-
Auxiliar	605	536	88,6	1,01 (0,97 – 1,05)
Enfermeiro(a)	1671	1546	92,5	1,06 (1,02 – 1,09)
Renda				
Até 3 salários-mínimos	1766	1566	88,7	-
Entre 3 e 5 salários-mínimos	736	684	92,9	1,05 (1,02 – 1,08)
Mais de 5 salários-mínimos	484	454	93,8	1,06 (1,03 – 1,09)
Instituição de trabalho				
Privada ou filantrópica	1457	1310	89,9	-
Pública	1529	1394	91,2	1,01 (0,99 – 1,04)
Nível de atenção				
Primária	1350	1194	88,4	-
Secundária	774	712	92,0	1,04 (1,01 – 1,07)
Terciária	862	798	92,6	1,05 (1,02 – 1,08)

RP, razão de prevalência. IC, intervalo de confiança. *Três parteiras profissionais não foram incluídas na análise. Fonte: Autores.

No Estados Unidos, em um estudo conduzido com o objetivo de explorar as experiências e percepções dos enfermeiros em locais de saúde durante a pandemia de COVID-19, foi observado que estes profissionais enfrentam uma angústia adicional como principais cuidadores da linha de frente, sendo necessárias intervenções para promover a capacidade dos enfermeiros de lidar com os desafios pessoais e profissionais da pandemia e abordar questões éticas necessárias para proteger a força de trabalho da enfermagem (Kelley, et al., 2021). Em um estudo realizado na Espanha, 80,2% dos enfermeiros relataram um importante impacto psicológico em decorrência do trabalho frente à COVID-19, causado também pela deficiência na estrutura, planejamento

e organização dos serviços de saúde para o enfrentamento da doença. Esses trabalhadores relataram ainda turnos de 14 horas ininterruptos com o uso da mesma máscara por falta de equipamentos de proteção individual, causando um sentimento de estresse muito forte (Pérez-Raya, et al., 2021).

No Brasil, um maior nível de estresse ocupacional entre profissionais da enfermagem tem sido observado em níveis mais complexos de atenção. Em junho de 2020, buscando minimizar o sofrimento dos profissionais, o COFEN atualizou as definições da equipe mínima de enfermagem na pandemia para a adequada assistência aos pacientes acometidos pela COVID-19. O documento também traz adequações no dimensionamento. Agora, para cada 20 leitos, são necessários 17 enfermeiros e 33 técnicos e/ou auxiliares de enfermagem nos hospitais gerais e de campanha. Já nas unidades de tratamento semi-intensivo/salas de estabilização, para cada oito leitos são exigidos um enfermeiro e quatro técnicos de enfermagem. Nas unidades de terapia intensiva, o número passou para um enfermeiro e três técnicos de enfermagem a cada cinco leitos (COFEN, 2020).

Diante desse contexto de crise sanitária, o desgaste físico e mental pode influenciar negativamente no comportamento e bem-estar geral desses profissionais e, conseqüentemente, interferir na qualidade da assistência prestada (Ramos-Toescher, et al., 2020). Em relação aos sentimentos negativos e aos problemas de saúde mental destacam-se a desesperança, desespero, solidão, medo, estresse pós-traumático, depressão, ansiedade, síndrome de Burnout e comportamento suicida (Dantas, 2021; Santos, et al., 2021). Em um estudo realizado no Estados Unidos, foi observado que 1/3 dos enfermeiros na linha de frente contra a COVID-19 apresentaram sintomas de ansiedade ou depressão, especialmente influenciados pelo nível de confiança no uso adequado de EPIs, na manutenção dos horários normais de trabalho, pela presença de colegas em número suficiente e não-estressados, e pelo suporte familiar e de comunidades religiosas (Burstyn, Holt, 2021). No Brasil, apesar dos trabalhadores da enfermagem apresentarem elevados índices de ansiedade, depressão e estresse, um estudo também conduzido através de coleta de informações por meio de mídias sociais indicou que a maioria desses profissionais não relatou o desejo de deixar o emprego e manifestou expectativas positivas sobre suas perspectivas profissionais (Osório, et al., 2021). Apesar de estudos relatarem que os profissionais de saúde de instituições privadas desfrutam de melhor saúde mental (Zhang, et al., 2020), nosso estudo não identificou diferenças em relação à prevalência de estresse ocupacional conforme o tipo de instituição de trabalho, o que pode ser explicado pela dimensão da pandemia afetando todo o sistema de saúde refletindo-se nas elevadas taxas de ocupação de leitos destinados para atendimento de pacientes com COVID-19 nos hospitais públicos e privados no país.

4. Conclusão

O presente estudo constitui-se em uma das maiores pesquisas online realizadas no Brasil sobre estresse ocupacional em profissionais de enfermagem durante a pandemia de COVID-19. Nossos achados revelam uma prevalência de estresse ocupacional de aproximadamente 90%, sendo maior entre enfermeiros com maior nível de escolaridade, renda e quanto mais complexo o nível de atenção em que atua.

É necessário rever toda a estrutura e organização de trabalho na qual o profissional da enfermagem está inserido, especialmente em períodos de crise sanitária como a pandemia de COVID-19. Oportunizar acompanhamento psicossocial para estes profissionais é fundamental para reduzir o estresse ocupacional, melhorar a qualidade de vida e do serviço prestado à população.

Sugere-se a realização de outros trabalhos que prossigam investigando o estresse ocupacional em decorrência da pandemia de COVID-19 em outras profissões da área da saúde, bem como em setores e níveis de atenção específicos para se obter um panorama mais detalhado do impacto desta crise sanitária entre aqueles que atuam na linha de frente.

Referências

- Backes, M. T. S., Higashi D. C., Damiani P. R., Mendes, J. S., Sampaio, L. S., & Soares, G. L. (2021). Condições de trabalho dos profissionais de enfermagem no enfrentamento da pandemia de Covid-19. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 42, 1-8.
- Barbosa, D. J., Gomes, M. P., Souza, F. B. A., & Gomes, A. M. T. (2020). Fatores de estresse nos profissionais de enfermagem no combate à pandemia da COVID-19: Síntese de Evidências. *Comunicação em Ciências Saúde*, 31(Suppl 1), 31-47.
- BBC News Brasil. (2021). *Do medo da covid-19 à desolação: enfermeiros enfrentam danos psicológicos do trabalho na pandemia*. <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-57151630>.
- Burstyn, I., & Holt, K. (2021). A Cross-Sectional Survey of the Workplace Factors Contributing to Symptoms of Anxiety and Depression Among Nurses and Physicians During the First Wave of COVID-19 Pandemic in Two US Healthcare Systems. *Annals of Work Exposures and Health*, Sep 30 [Online ahead of print].
- COFEN. Conselho Federal de Enfermagem. (2020). *COFEN atualiza definições da equipe mínima de Enfermagem na pandemia*. Brasília. http://www.cofen.gov.br/cofen-atualiza-definicoes-da-equipe-minima-de-enfermagem-na-pandemia_80308.html
- COFEN. Conselho Federal de Enfermagem. (2021). *Enfermagem em números*. <http://www.cofen.gov.br/enfermagem-em-numeros>
- Dal'Bosco, E. B., Floriano, L. S. M., Skupien, S. V., Arcaro, G., Martins, A. R., & Anselmo, A. C. C. (2020). Mental health of nursing in coping with COVID-19 at a regional university hospital. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 73 (Suppl 2), e20200434.
- Dantas, E. S. O. (2021). Saúde mental dos profissionais de saúde no Brasil no contexto da pandemia por Covid-19. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, 25 (suppl 1), e200203.
- Estrela, C. (2018). *Metodologia científica: ciência, ensino e pesquisa*. (3a ed.), Artes Médicas.
- FIOCRUZ. Fundação Oswaldo Cruz. (2021). *Condições de Trabalho dos Profissionais de Saúde no Contexto da Covid-19 no Brasil*. <https://portal.fiocruz.br/noticia/pesquisa-analisa-o-impacto-da-pandemia-entre-profissionais-de-saude>.
- Kelley, M. M., Zadvinskis, I.; Miller, P. S., Monturo, C., Norful, A. A., O'Mathúna, D., et al. (2021). United States nurses' experiences during the COVID-19 pandemic: A grounded theory. *Journal of Clinical Nursing*. Sep 15 [Online ahead of print].
- Niquini, R. P. ; Lana, R. M. ; Pacheco, A. G., Cruz, O. G., Coelho, F. C., Carvalho, L. M., et al. (2020). Description and comparison of demographic characteristics and comorbidities in SARI from COVID-19, SARI from influenza, and the Brazilian general population. *Cadernos de Saúde Pública*, 36, e00149420.
- Oliveira, K. K. D., Freitas, R. J. M., Araújo, J. L., & Gomes, J. G. N. (2021). Nursing Now and the role of nursing in the context of pandemic and current work. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 42 (spe), e20200120.
- OPAS. Organização Pan-Americana da Saúde. (2021). *A situação da enfermagem na Região das Américas*. https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/54504/OPASHSSHR210010_por.pdf?sequence=1&isAllowed=y
- Osório, F. L.; Silveira, I. L. M.; Pereira-Lima, K., Crippa, J. A. S., Hallak, J. E. C., Zuardi, A. W., & Loureiro, S. R. (2021). Risk and Protective Factors for the Mental Health of Brazilian Healthcare Workers in the Frontline of COVID-19 Pandemic. *Frontiers in Psychiatry*, 12, 662742.
- Pereira, C. C. A.; Martins, M.; Lima, S. M. L., Andrade, C. L. T., Soares, F. R. G., & Portela, M. C. (2021). Geographical variation in demand, utilization, and outcomes of hospital services for COVID-19 in Brazil: A descriptive serial cross-sectional study. *PLoS One*, 16, e0257643.
- Pérez-Raya, F., Cobos-Serrano, J. L., Ayuso-Murillo, D., Fernández-Fernández, P., Rodríguez-Gómez, J. A., & Almeida Souza, A. (2021). COVID-19 impact on nurses in Spain: a considered opinion survey. *International Nursing Review*, 68, 248-255.
- Prado, C. E. P. (2016). Estresse ocupacional: causas e consequências. *Revista Brasileira de Medicina do Trabalho*, 14, 285-289.
- Ramos-Toescher, A. M., Tomaschewisk-Barlem, J. G., Barlem, E. L. D., Castanheira, J. S., & Toescher, R. L. (2020). Saúde mental de profissionais de enfermagem durante a pandemia de COVID-19: recursos de apoio. *Escola Anna Nery*, v.24, e20200276.
- Santos, K. M. R., Galvão, M. H. R., Gomes, S. M., Souza, T. A., Medeiros, A. A., & Barbosa, I. R. (2021). Depressão e ansiedade em profissionais de enfermagem durante a pandemia da covid-19. *Escola Anna Nery*, 25, e20200370.
- Souza e Souza, L. P. S., & Souza, A. G. (2020). Enfermagem brasileira na linha de frente contra o novo Coronavírus: quem cuidará de quem cuida? *Journal of Nursing and Health*, 10, e20104005.
- Zhang, S. X., Liu, J.; Jahanshahi, A. A., Nawaser, K., Yousefi, A., Li, J., & Sun, S. (2020). At the height of the storm: Healthcare staff's health conditions and job satisfaction and their associated predictors during the epidemic peak of COVID-19. *Brain, Behavior, & Immunity*, 87, 144-146.